

Contra a miopia dos economistas

■ Malan ataca a visão centrada no curto prazo para análises sobre economia brasileira

ROSENILDO GOMES FERREIRA

Agência JB

SÃO PAULO — O ministro da Fazenda, Pedro Malan, fez ontem uma vigorosa defesa da condução da política econômica e atacou economistas e consultores que, segundo ele, têm visão míope e centrada nas questões de curto prazo. “Manter a inflação sob controle não é nossa única prioridade. Quem insiste nesta tese é ignorante, desinformado, está movido por má-fé ou por propósito político”, afirmou. O desabafo do ministro foi uma reação às críticas feitas à condução da política econômica e ao nervosismo que domina, há um mês, o mercado financeiro.

As boas notícias no *front* interno (reservas em torno de US\$ 60 bilhões e inflação prevista para cerca de 10% neste ano), não têm sido suficientes para acalmar o mercado, nem suplantam os efeitos negativos gerados pelo crescimento do déficit da balança comercial - que atingiu US\$ 1,3 bilhão em outubro.

O cenário traçado por Malan - durante palestra para uma plateia de executivos, no Hotel Transamérica - prevê crescimento moderado da economia nos próximos anos, com gradual redução do déficit pú-

blico. “Estamos lançando as bases para o crescimento sustentado e não movimentos episódicos como ocorreram no passado”, disse.

Para este ano, Malan acredita que o Produto Interno Bruto (PIB) deverá crescer 3,5% ou US\$ 750 bilhões, atingindo US\$ 1 trilhão até o ano 2001. Este percentual deverá atingir 4 a 5% em 1997. “Nós estimamos que no período 1993-98 o Brasil irá crescer 30% em termos reais”, afirmou.

O ministro lembrou que os mesmos críticos que diziam que o governo havia lançado o país em uma recessão, em 1995, hoje defendem medidas para conter a expansão do consumo. “A economia não está e nunca esteve em recessão desde a vigência do Plano Real. Recessão tiveram o México e a Argentina, onde o PIB caiu 7% e 4,4, respectivamente, em 1995, enquanto o Brasil cresceu 4,2%”, disse.

Balança — A defesa da continuidade da abertura comercial brasileira soou como boa música para os empresários presentes. “A abertura comercial veio para ficar. É irreversível”, disse. Lembrou, contudo, que o país não deixará de utilizar os mecanismos de proteção

previstos no âmbito da Organização Mundial de Comércio (OMC), a exemplo do que fazem os Estados Unidos, Japão e outros países.

Malan procurou destacar que o ritmo de abertura comercial ainda é um dos menores do mundo. “As exportações representam apenas 7,5% do PIB e por isto não nos preocupa no curto prazo”. Segundo o ministro é preciso ver o comércio exterior como um todo: “Há cinco anos, a soma entre exportações e importações totalizava US\$ 50 bilhões. Neste ano, vamos superar a barreira dos US\$ 100 bilhões”, estimou.

Apesar disto, lembrou que o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) estuda novos mecanismos de incentivo às exportações. Para ele, o déficit de US\$ 1,3 bilhão decorreu de fatores sazonais, como o aumento da conta petróleo, além da aquisição de máquinas e equipamentos, matérias-primas e produtos semi-elaborados. “Vamos continuar incentivando as exportações, como fizemos com a reativação do seguro de crédito, e a isenção de ICMS sobre produtos semi-elaborados”, finalizou.